

**CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS
OITAVO CONCURSO DE DOTAÇÕES PARA
PESQUISA SOBRE O NEGRO NO BRASIL**

RELATÓRIO FINAL DE ATIVIDADES

Bolsista: Patrícia Silveira de Farias

Rio de Janeiro, 10 de abril de 1997.

**CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS
OITAVO CONCURSO DE DOTAÇÕES PARA
PESQUISA SOBRE O NEGRO NO BRASIL**

Relatório final de atividades

Período: julho de 1996 a março de 1997.

Bolsista: Patrícia Silveira de Farias

Este relatório se refere ao período final coberto pela dotação outorgada ao projeto "Pegando uma cor na praia: relações raciais e classificação de cor na cidade do Rio de Janeiro" pelo 8o. Concurso de Dotações. Parte de uma futura tese de doutorado em Sociologia (IFCS/UFRJ), o projeto tem como referencial teórico a análise do sistema de classificação de cor no Brasil, prevendo trabalho de campo nas praias de Ipanema (Posto 9), Zona Sul do Rio, e de Barra de Guaratiba, na Zona Oeste do município.

Atividades realizadas

1) Levantamento bibliográfico

Nesta fase final de dotação, deu-se continuidade à atividade de levantamento bibliográfico, insistindo inclusive nos temas já mencionados no relatório parcial, quais sejam: relações raciais e classificação de cor, juventude, gênero e territorialidade. Porém, como citado no relatório anterior, por sua relevância, ressaltada no decorrer da pesquisa, foi também dada atenção ao tema da antropologia do corpo, além de textos que ressaltassem os aspectos estatísticos, históricos e sócio-econômicos dos locais privilegiados no projeto - Ipanema, Barra de Guaratiba, praia e, de modo geral, o Rio de Janeiro.

Desta forma, voltou-se às bibliotecas já pesquisadas e já citadas no outro relatório: Biblioteca de Ciências Sociais - IFCS/UFRJ; Biblioteca de Antropologia - Museu Nacional/UFRJ; Biblioteca de Ciências Sociais - Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas - Rio de Janeiro; Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Biblioteca da Escola de Comunicação - UFRJ. Acrescentou-se a estas as seguintes instituições:

- * Biblioteca do Instituto de Informática e Planejamento do Rio de Janeiro - Iplan-Rio;
- * Biblioteca da Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais (Ciec - UFRJ);
- * Biblioteca do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ).

Deste levantamento, somado a consultas a livrarias e outros, resultou uma nova listagem de livros, a ser anexada à anterior:

a) Relações raciais e classificação de cor

- BASTIDE, Roger. **Psicanálise do cafuné e estudos de Sociologia Estética Brasileira**. Curitiba/São Paulo/Rio de Janeiro: Guairá, 1941.
- FRY, Peter . **Por que o Brasil é diferente?** Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1995, mimeo.
- _____. **Color and the rule of law in Brazil**. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1996, mimeo.

- _____. "As muitas caras e cores do Brasil". IN: *Jornal do Brasil, Caderno Idéias/Livros*, 1/3/97, p. 4.
- HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- PARSONS, Talcott. "The problem of polarization on the axis of color". In: Franklin, John M. (ed.), *Color and race*. Boston: Beacon Press, 1968.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; Queiroz, Renato da Silva (orgs.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996.
- WINNANT, Howard. "'The other side of the process': racial formation in contemporary Brazil." In: Yudice, George; Franco, Jean; Flores, Juan (eds.), **On edge - the crisis of contemporary Latin American culture**. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1992, p. 85-114.

b) Juventude

- HEBDIGE, Dick. **Subculture - the meaning of style**. New York/London: Methuen e Co., 1979.

c) Gênero

- BASSANEZI, Carla; URZIN, Leslye Bombonato. "O Cruzeiro e as Garotas". In: *Cadernos Pagu*, 4. 1995, p. 75/96.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. "O território ambíguo da Historiografia". In: *Estudos Feministas*, 2o semestre de 1994, p. 123-129.

- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Y nosotras latinoamericanas? Estudos sobre gênero e raça.** São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992.

- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. "Mulheres Brancas no Fim do Período Colonial". In: Cadernos Pagu, 4, 1995, p. 75-96.

d) Territorialidade

- BERNARDES, Lysia; SOARES, Maria Therezinha de Segadas. **Rio de Janeiro: cidade e região.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995, 3a. tiragem.

- CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de. "A Baía de Guanabara. Itinerários da Memória". In: Revista, USP, 30/06/96, p.156-169.

- CEZIMBRA, Márcia; ORSINI, Elizabeth. **Os emergentes da Barra.** Rio de Janeiro: Relume Dumará/Rioarte, 1996.

- COPPETEC Pesquisas, Projetos e Estudos . **Estudo sobre a erosão na praia do Leblon**

Rio de Janeiro: IPLAN-RIO, agosto de 1988.

- DAMAZIO, Sylvia F. **Retrato social do Rio de Janeiro na virada do século.** Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1996.

- EDGERTON, Robert B. **Alone Together. Social order on an urban Beach.** Berkeley, Los Angeles, London; University of California Press, 1979.

- GOSLIN, Priscilla Ann. **How to be a carioca**. Rio de Janeiro: Livros Two Can, 1996, 12a ed. (1a. ed. 1992).
 - HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**. São Paulo: Brasiliense, 1994 (6ª. ed.).
 - IPLAN-RIO. **Mercado horti-fruti pesqueiro, cultural e de floricultura de Guaratiba**. RJ:Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro Outubro de 1991.
 - LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer. **Dos trapiches ao porto - um estudo sobre a área portuária do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1991.
 - VALLADARES, Lídia do Prado; SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel. **O Rio de Janeiro em tese - catálogo bibliográfico 1960-1990**. Rio de Janeiro: CEP: Rio (Uerj) e Urbandata (Iuperj), 1992.
 - VENTURA, Zuenir. **Cidade partida**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
 - VVAA. **Retratos da baía**. Rio de Janeiro: Faperj, 1994.
 - ZUKIN, Sharon. **Landscapes of power - from Detroit to Disney World**. Berkeley: Univ. of California Press, 1990.
- e) Antropologia do corpo, lazer e consumo
- FEATHERSTONE, Mike. "A globalização da complexidade. Pós-modernismo e cultura de consumo". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32, outubro de 1996, p. 105-124.

- FORJAZ, Maria Cecília Spina. "Lazer e consumo cultural das elites". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 6, fevereiro de 1988, p. 99-113.
- PARKER, Stanley. **A Sociologia do Lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- URBAIN, Jean Didier. **Sur la plage - moeurs et coutumes balnéaires**. Paris: Payot, 1994.

Além destes títulos, levantados em função do projeto de tese, existe também a bibliografia pesquisada para a confecção de um ensaio sobre estudos raciais brasileiros nos anos 50 (ver no Anexo Um trecho e bibliografia do mesmo), e que fez parte igualmente deste esforço de catalogação.

Dando ainda continuidade à pesquisa em jornais, foi recolhido o seguinte material (também a ser somado àquele citado no relatório parcial):

O GLOBO. "Bretanha foi o sucesso do último verão francês". Seção Boa Viagem, 26/09/96, p.4.

O GLOBO. "Ao sabor da maresia"; "Mergulhando no Rio de Janeiro sem molhar o pé"; "Paisagens, passeios e pescarias numa cidade pouco conhecida pelos cariocas"; "Barra, cidade de veraneio". Seção Rio Show, 31/01/97, p. 01, 18, 19, 20, e 21.

O GLOBO. "Esporte se aprende na praia".; "Escolinhas tomam conta da praia"; "Macumba é tradição no Surf há mais de 30 anos". Seção Zona Sul 09/01/97, p. 18,19.

O GLOBO. "Um grão de areia na dieta do Arpoador e Leblon". Seção Rio, 05/01/97, p. 22

O GLOBO . Tribos do calçadão de domingo"; "Suor e paquera na orla"; "Uma democrática passarela para todas idades e gostos". Seção Rio, 29/09/96, p. 33.

JORNAL DO BRASIL. "A peça mais carioca do vestiário feminino comemora meio século de vida com uma volta ao passado". Seção Mulher, 29/08/96, p 8.

JORNAL DO BRASIL. "Vôlei de praia é sempre irresistível". Seção Esportes 18/08 96, p. 37.

JORNAL DO BRASIL. "Associação quer Barra isolada do Rio"; "Via expressa assusta moradores". Seção Cidade. 29/11/96, p.24.

JORNAL DO BRASIL . "Superlotação de Niterói à Barra"; Seção Cidade, 27/10/96, p. 32.

JORNAL DO BRASIL. "A praia do medo: desconfiança e histeria marcam a convivência cada vez mais conturbada entre banhistas da classe média e do subúrbio". Seção Cidade, 27/10/96, p. 29, 31 ,32 e 33.

2) Entrevistas e idas a campo - iconografia

Tendo sido iniciada no período anterior a fase de entrevistas, esta foi levada adiante, embora não com o afinco esperado - especialmente devido à atenção desviada para a confecção de um ensaio teórico envolvendo o tema do projeto e, mais globalmente, da tese a ele referida, ponto a que se voltará

adiante. De qualquer forma, foram realizadas mais quatro entrevistas, além das sete já feitas, com duração média de uma hora, cada.

Além das entrevistas, foram feitos também contatos com futuros entrevistados, como membros de grupos ligados ao Posto Nove, em Ipanema (notadamente o que se autointitula "jurássico", por freqüentar o local há muitos anos), e à Barra de Guaratiba (jovens estudantes residentes em Bangu, Zona Oeste do município do Rio, e que vão à praia acompanhados de pais e amigos).

As entrevistas seguiram a metodologia de construir histórias de vida e relacioná-las à praia, rastreando as pistas deixadas pelos depoimentos colhidos anteriormente. Elas demonstraram, assim, a necessidade de incursões mais efetivas aos campos nelas mencionados, para acompanhamento das observações dos informantes. Neste sentido, privilegiou-se a ida não só aos locais escolhidos como campo, como em geral a orla marítima carioca. Destas incursões, registradas inclusive em fotografias (cf. exemplos no Anexo Dois), sobressaíram as realizadas em:

- Praia do Deck da Barra da Tijuca (Posto Um);
- Praia da Barra - Barraca do Pepê;
- Praia do Leblon - mirante;
- Praia Baixo Bebê - Leblon;
- Praia do Leme - mirante;
- Praia Vermelha;
- Praia do Pontal - Recreio dos Bandeirantes;

- Praia de Copacabana - quiosque *Rainbow* (ponto gay)

3) Apresentações e artigos

Como continuação do esforço anterior de divulgação dos resultados do trabalho e de troca de informações com os interessados, realizou-se uma apresentação a convite da Casa de Leitura, órgão vinculado à Biblioteca Nacional, e portanto ao governo federal, dentro de um ciclo de palestras relacionado à cidade do Rio de Janeiro. Na ocasião, dia 9 de janeiro de 1997, apresentei a parte da pesquisa que diz respeito à história da praia carioca, e de seus usos e funções.

Outra faceta importante, na verdade uma das atividades-chave em que me envolvi neste último período, é a feitura de um ensaio a respeito do estudo de relações raciais durante os anos 50 e suas implicações para a década atual. Parte deste trabalho - monografia que já atinge as cem páginas - se encontra em anexo (cf. Anexo Um), e irá ser de grande valia no momento da redação final da tese - afinal, este ensaio funcionará como uma espécie de núcleo teórico do estudo, em relação ao qual estarei pensando os depoimentos recolhidos.

Resultados obtidos

O maior ganho deste ano de pesquisas com o apoio do Centro de Estudos Afro-Asiáticos foi sem dúvida a oportunidade de aprofundar os conhecimentos e aperfeiçoar as hipóteses do projeto. No primeiro sentido, foi

sobremaneira útil tanto o levantamento bibliográfico feito como os contatos e entrevistas realizados, tanto quanto as excursões a campo.

Assim, a partir da realização das primeiras entrevistas, ficou comprovada a conveniência do levantamento da história de vida dos informantes, como meio de delinear tanto a relação deste com a cidade e o espaço onde mora, quanto suas formas de lazer e sua mentalidade a respeito da praia e da cor. Desta forma, por exemplo, a vida de um entrevistado que morava em Bonsucesso e ia à praia da Ilha do Governador, ascende socialmente e passa a freqüentar o Posto 9, em Ipanema, relaciona fortemente a escolha da praia com uma estratégia de mobilidade social, assim como aquele outro entrevistado que freqüentava em pequeno o Leme com a família e escolhe outra praia ao crescer, onde vai com os amigos, assinala a ligação entre faixa etária e as representações acerca da orla marítima carioca.

As entrevistas serviram ainda para cotejar e ampliar o espectro bibliográfico em levantamento, a partir das questões suscitadas, especialmente no que se refere às questões de território, lazer e consumo, que se revelaram enfaticamente importantes no decorrer dos depoimentos. Elas configuraram um campo mínimo de trabalho, que pretendo ver ainda bem mais ampliado, a partir da constatação da existência de alguns grupos de freqüentadores das praias escolhidas. Assim, no Posto 9 existem os funkeiros do Andaraí interagindo com os judeus que se reúnem em frente à Rua Joana Angélica (bastante próxima), os/as jogadores de vôlei de praia do chamado "Quase Nove" e os "jurássicos",

entre outros ainda não detectados. Do mesmo modo, os que vão à Barra de Guaratiba se dividem em minúsculos territórios espalhados ao longo de sua pequena orla - desde setembro reformada pela Prefeitura, e dotada agora de quiosques e iluminação noturna.

Durante a tomada dos depoimentos, chamou-me ainda a atenção o uso de algumas categorias associadas a certos indivíduos na praia; é nesse sentido que entendo serem interessantes maiores investigações a respeito da categoria "gringo" (estrangeiro branco), da categoria "farofeiro" (suburbano), da categoria "sarado" (juventude da elite, moradora das zonas privilegiadas da cidade). O que se depreende a partir daí é que a noção de território - daonde você vem - é fundamental para seu encaixe mais ou menos problemático nos espaços da cidade, e dentro dele, na praia.

Este tema, desde o período anterior ressaltado como importante no estudo da praia, foi incluído como uma das prioridades no levantamento bibliográfico, que se mostrou altamente produtivo para a pretendida reconfiguração do projeto em função de novos conhecimentos. Corpo, lazer e consumo também foram temas recorrentes nos depoimentos, e que foram investigados com resultados bastante expressivos. Deu-se ainda prioridade a textos que dessem informações sobre os campos em questão, ou seja, Barra de Guaratiba e Ipanema, em seus aspectos históricos, sócio-econômicos e estatísticos. Quanto à pesquisa em jornais, foi útil na medida em que auxiliou nessa busca de informações sobre as praias, tendo ainda a vantagem de

oferecer uma imagem muito nítida, a partir da perspectiva das elites consumidoras dos jornais, do perfil simbólico da praia carioca.

E aí entramos na reformulação das hipóteses iniciais propostas pelo projeto, para a qual foi fundamental o apoio dado pelo Centro de Estudos Afro-Asiáticos. Vale lembrar que, de acordo com o projeto inicial, propunha-se como primeira hipótese a co-existência na praia de dois sistemas de classificação de cor - o bipolar (que frisa os pólos branco/negro) e o policromático (que enfatiza o gradiente). Além disso, pensava-se investigar a relação existente entre os dois sistemas, tendo-se aí a hipótese de que a passagem de um para o outro se dá a partir da clivagem indivíduo/grupo. Assim, o sistema policromático seria acionado em situações de interação interpessoal, enquanto que o bipolar operaria em caso de classificação de grupos.

Tais hipóteses continuam válidas, mas foram desdobradas e complementadas por outro leque de questões, que diz respeito justamente ao tal perfil simbólico que, não só para as elites, mas também para outros segmentos, se acopla à idéia de praia. Esta, assim, é pensada como um espaço "democrático" por excelência. A analogia entre praia e democracia pode ser detectada a partir dos depoimentos e das matérias em jornal. Na verdade, ela desenvolve uma perspectiva acerca da democracia que engloba idéias sobre ascensão social dos indivíduos, no caso da Zona Sul, numa espécie de "educação sentimental" através de contatos com grupos de cores e classes diferentes. De outro lado, também evoca idéias como liberdade - especialmente

de comportamento - e direito ao lazer (não só ao trabalho), ao consumo e aos territórios da cidade, exercitando ainda os limites do convívio inter-racial (no caso dos grupos que vêm para a Zona Sul), inter-grupal e inter-individual (até onde ir no relacionamento com o vizinho de areia?). Derivada da recorrente afirmação da praia como uma democracia ao alcance de todos, está a noção de democracia racial. É precisamente a este ponto que as hipóteses iniciais se articulam, demonstrando a particularidade do pensamento carioca, talvez brasileiro, sobre os dois assuntos - a democracia e a relação racial.

Dentro deste mesmo complexo de idéias a respeito do espaço da praia, viu-se também, a partir principalmente das incursões ao campo e dos depoimentos, que este traz consigo outro conjunto de questões. Longe de poder ser pensada através de uma equação do tipo bela praia-perto da Zona Sul-freqüentada por brancos e mais ricos, e praia feia-longe da Zona Sul-freqüentada por negros e mais pobres, a orla carioca apresenta uma diversidade de territórios, visitados pelas variadas tribos que habitam a cidade, e que não se resumem a diferenças de cor e de poder aquisitivo. Há, assim, praias *gays*, em que o referencial maior é a orientação sexual; praias para famílias e praias para jovens, para velhos, para "gringos" (estrangeiros)...

Quanto à cor, parece que a configuração mais recorrente é a do "par contrastante", ou seja, aquela que colocaria lado a lado grupos de cores - e padrões de renda, e local de moradia - contrapostos - ou seriam, dessa forma, complementares? Desta forma, a praia da Macumba, a Prainha, o Grumari, no

Recreio, seriam complementados pelo Pontal - os primeiros, redutos daqueles que possuem carro, de elites mais claras da cidade, moradores da Zona Sul, e os segundos, da classe média e média baixa suburbana. Também seguindo essa linha brancos/negros, o Posto 9 em Ipanema teria seu "oposto" no Arpoador; e a praia do Pepê, na Barra, teria seu contraponto no Deck da Barra¹.

Também foram observados dois "pólos" de categorias associadas às praias "boas" e às "ruins". À primeira se liga fundamentalmente a morenidade como ideal de saúde e beleza do corpo carioca - idéia presente em todas as entrevistas, sejam homens, mulheres, brancos ou morenos. A possibilidade de transformar o próprio corpo e a metamorfose do corpo alheio magnetizam os entrevistados.

De outro lado, com grande carga negativa, está a cor branca, relacionada tanto a alguém que "não é do pedaço", como, em seu extremo, a um corpo que é pouco maleável e acostumado às mudanças provocadas pelo sol. A transformação do branco em vermelho causa desgosto, enquanto a mudança para moreno causa orgulho e cobiça. O branco é portanto uma cor "feia", desprezível para se ostentar no corpo. Um aspecto que vale ressaltar é que a cor preta, outro par no sistema bipolar, não é espontaneamente citada - e por isso mesmo optou-se pela modificação da abordagem na hora das entrevistas,

¹ Em conversas informais, soube-se que esse possível esquema se repetiria no município de Niterói, vizinho à cidade do Rio e parte do mesmo Estado - o Rio de Janeiro. Lá, existe o par contrastante Cambinhas (onde só se chega de carro; é a parte rica da orla) e Itaipu (onde vai a classe mais pobre). Nesse caso, entende-se que a cor é analogicamente relacionada à posição social, já que os mesmos informantes comentaram que o muro que separa as duas praias, e na verdade esse contraste existente entre elas, é chamado de "*apartheid*" - referência ao antigo sistema racista na África do Sul.

incluindo-se perguntas diretas a respeito tanto da cor preta, quanto das relações raciais.

Outra categoria negativa se refere à quebra de um padrão de etiquetas local. É a farofa, ou farofada, associada ao comportamento de pessoas que infringem as regras. Aqui na maioria dos casos se recorre à noção de localidade, insistindo-se em que ser ou não daquele local auxilia na hora de saber e respeitar tais normas de comportamento. As “infrações” variam de grupo para grupo, e de lugar para lugar, mas de modo geral, dizem respeito ao que é considerado como uma “invasão”, um contato não permitido, uma imposição por parte de uma pessoa ou grupo que exclui a participação ativa do outro lado envolvido. Na Zona Sul, limites mais rígidos excluem ouvir música em alto volume, falar alto, jogar areia e/ ou água do mar nos outros; já em outros locais estas atividades são vistas como parte do *show*, como ícones de se estar na praia, num local de liberdade e informalidade. As repreensões em caso de infração, independentes dos grupos em questão, envolvem desde intervenções não-verbais (“caras feias”, retirada do grupo afetado do local, gestos de animosidade) até a intervenção de uma “autoridade” local e mesmo o confronto inter-grupal.

Depreende-se daí a intrincada relação entre uma complexa e abrangente etiqueta “à praia” e um discurso da praia como espaço de liberdade, onde “pode tudo”. Exatamente esta delicada relação entre as duas crenças será

investigada, no intuito de se saber como ela incide sobre a questão das relações raciais e da classificação de cor.

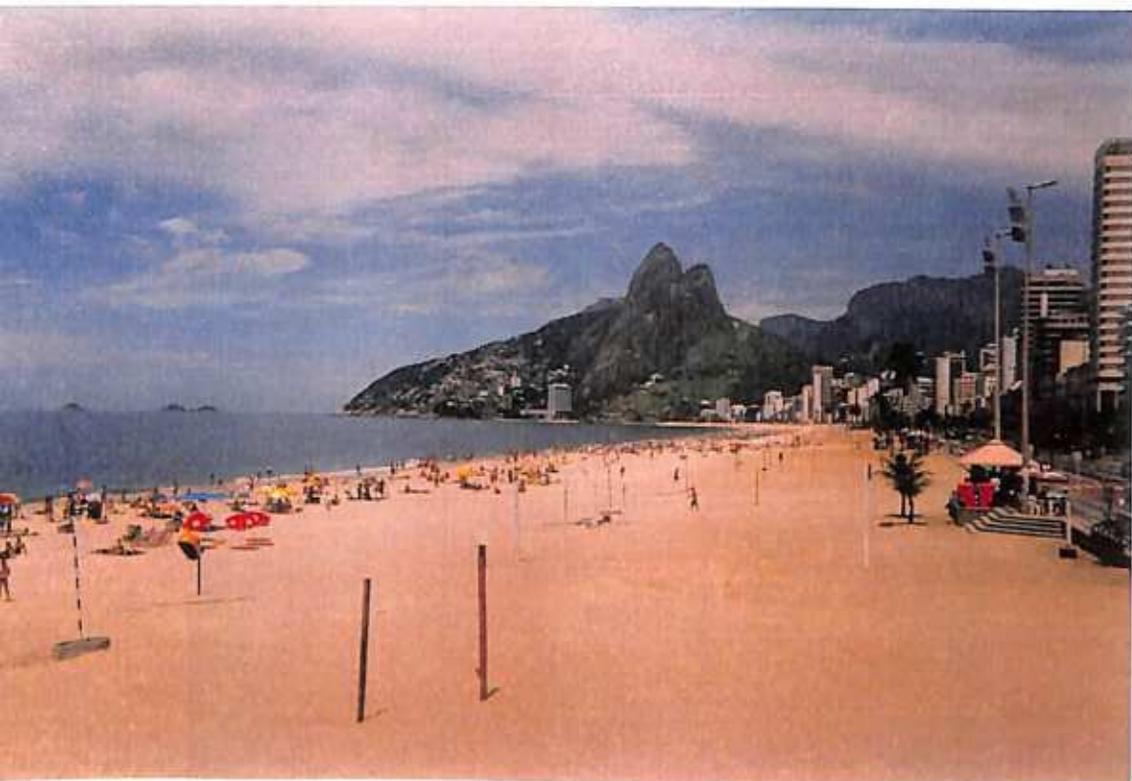
Porém esta e outras questões ficarão para posterior desenvolvimento. O que importa assinalar aqui é a importância deste ano de dotação para o aperfeiçoamento do projeto. Nesse sentido, posso afirmar que as etapas propostas inicialmente foram razoavelmente cumpridas, com vistas ao objetivo maior de confeccionar um projeto de tese de peso, que se desdobre num trabalho confiável. Foram dados os primeiros passos nesse sentido, apesar de dificuldades pessoais e profissionais que atrapalharam um pouco esta segunda etapa da pesquisa; a análise mais ampla das entrevistas, a finalização do trabalho de campo, especialmente, ficarão para depois. Porém a meta principal, repito, foi alcançada, ou seja, o aprimoramento do projeto, de suas hipóteses, sua metodologia, sua bibliografia de apoio e seu campo de trabalho.

ANEXOS

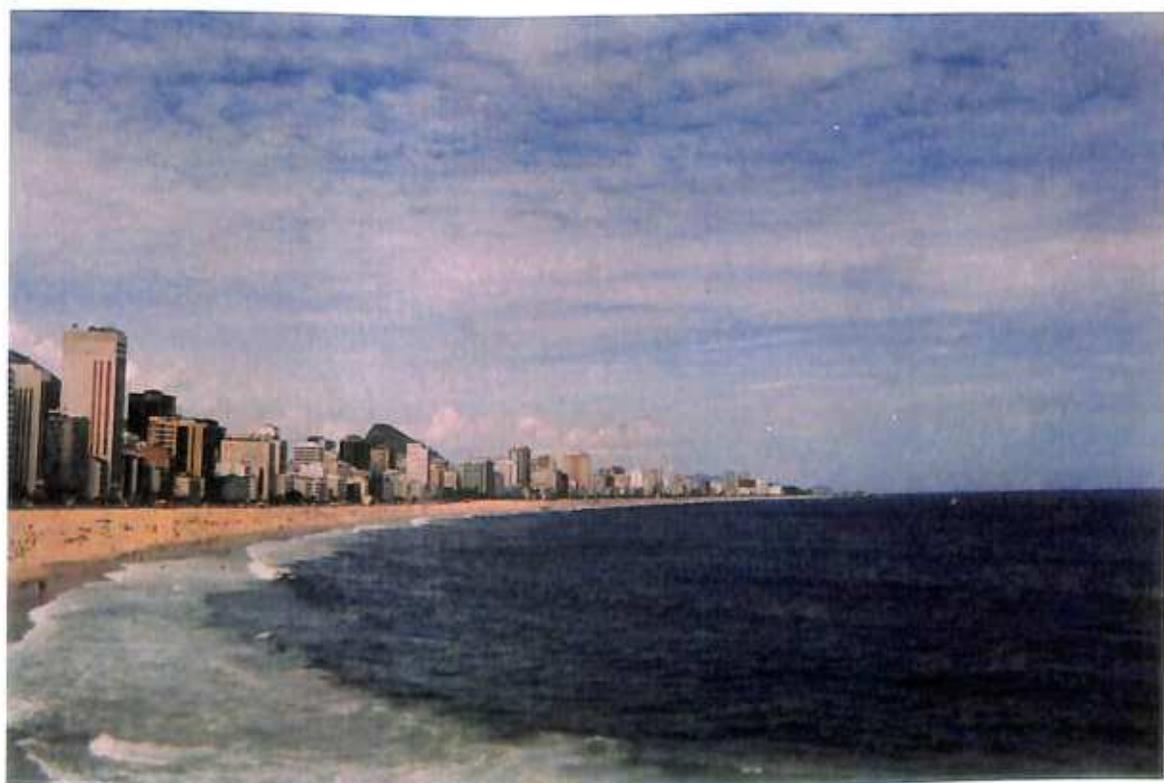
- ANEXO UM - ICONOGRAFIA
- ANEXO DOIS - ENSAIO (EXCERTO E BIBLIOGRAFIA)

ANEXO UM:

ICONOGRAFIA



PRAIAS DE IPANEMA - ALTO DO POSTO 9
COM LEBLON AO FUNDO - 06/12 1996
AS 10:00 H. 6ª FEIRA.



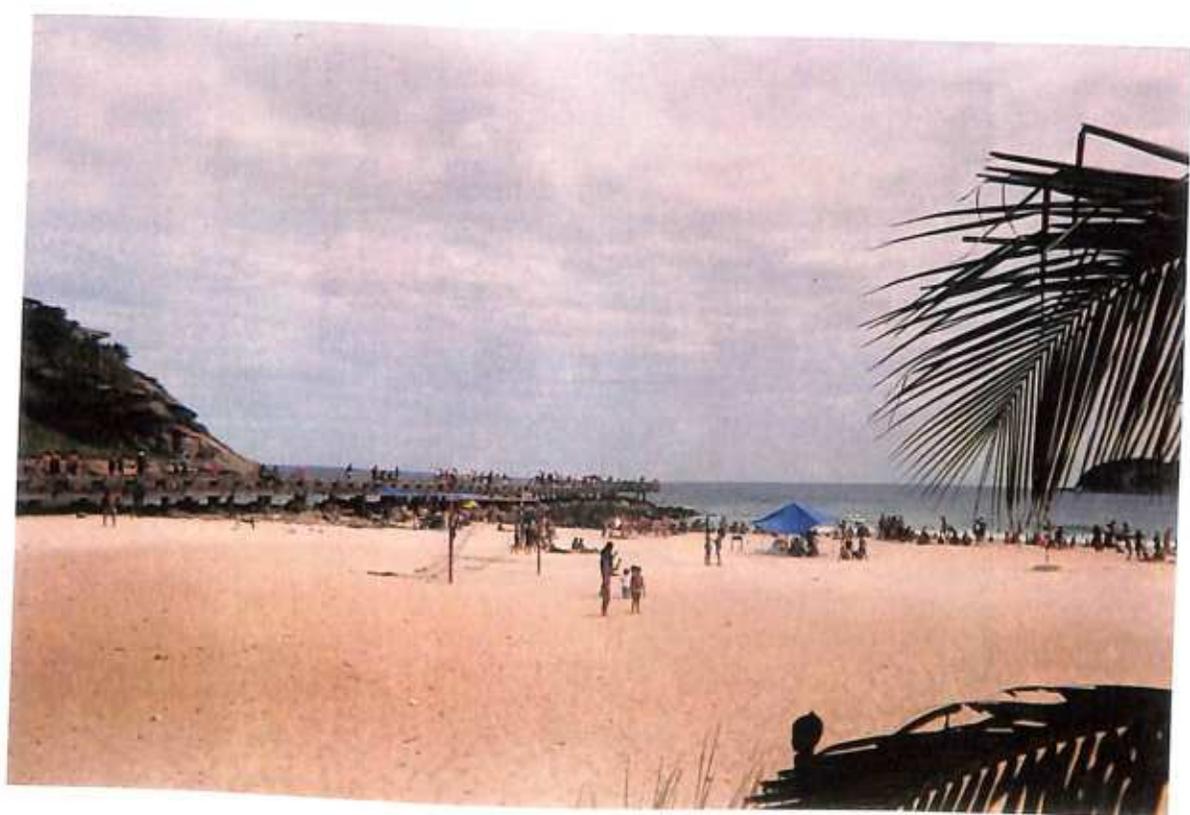
PRAIAS DE IPANEMA VISTA DO FARO
DO LEBLON. 30/11/1996 16:00 H
SÁBADO.



FINAL DO LEME NO DOMINGO
20/10/1996 ÀS 16:00 H



PONTO FINAL DA LINHA 472
(LEME-TRISGEM) LEME 20/10/1996
DOMINGO 16:00H



Vista do Deck da Barea
Praia do Barris do Tisúis
01/01/1997, 13:00, 4º Férias
Feriado.



COMERCIO AMBULANTE, Frente da Banca
da Tisuca no Alameda do Posto 01
01/01/97 às 13:00 h 4: Feira Feirando

ANEXO DOIS:

ENSAIO - EXCERTO E BIBLIOGRAFIA

Autora: Patrícia Sabeira de Ramos
FAVOR NÃO CITAR SEM PERMISSÃO DA AUTORA

1

FLORESTAN, ORACY, GUERREIRO:

TRAJETÓRIAS À LUZ DE UM CONTEXTO

Tal como o rastro do cometa indica o céu oculto por detrás, uma trajetória também marca a existência de todo um campo de relações, trazido à luz a partir do seu caminho. É nesse sentido que ela se torna importante instrumento de análise de um **céu** que pode ser chamado menos poeticamente de **contexto**. Para o presente caso, em que se descreve os caminhos percorridos por Guerreiro Ramos, Florestan Fernandes e Oracy Nogueira, teria serventia ainda acrescentar à noção algo imprecisa de **contexto** dois outros conceitos.

O primeiro deles pode ser encontrado em Bourdieu (1968). É o conceito de “campo intelectual”, que especifica o conceito mais geral, e básico no pensamento deste autor, que diz respeito a “campo”. Em grossas linhas, “campo” é aquela rede ou sistema de relações sociais que permite e perpassa o surgimento de determinado fenômeno. No caso das trajetórias dos autores aqui estudados, lançar mão de “campo intelectual” precisa o tipo de rede e já indica também algo sobre as forças nele envolvidas. Assim, por exemplo, ao comentar o eixo de discussões que envolve a avaliação da obra de um autor pelo “senso público”, Bourdieu comentará que

“é no interior e por todo o sistema de relações sociais
que o criador estabelece com o conjunto de agentes
que constituem o campo intelectual num dado
momento do tempo - outros artistas, críticos,
intermediários entre o artista e o público, como os
editores, os compradores de quadros ou os
jornalistas encarregados de apreciar imediatamente as

FLORESTAN, ORACY, GUERREIRO:
TRAJETÓRIAS À LUZ DE UM CONTEXTO

Tal como o rastro do cometa indica o céu oculto por detrás, uma trajetória também marca a existência de todo um campo de relações, trazido à luz a partir do seu caminho. É nesse sentido que ela se torna importante instrumento de análise de um céu que pode ser chamado menos poeticamente de **contexto**. Para o presente caso, em que se descreve os caminhos percorridos por Guerreiro Ramos, Florestan Fernandes e Oracy Nogueira, teria serventia ainda acrescentar à noção algo imprecisa de **contexto** dois outros conceitos.

O primeiro deles pode ser encontrado em Bourdieu (1968). É o conceito de “campo intelectual”, que especifica o conceito mais geral, e básico no pensamento deste autor, que diz respeito a “campo”. Em grossas linhas, “campo” é aquela rede ou sistema de relações sociais que permite e perpassa o surgimento de determinado fenômeno. No caso das trajetórias dos autores aqui estudados, lançar mão de “campo intelectual” precisa o tipo de rede e já indica também algo sobre as forças nele envolvidas. Assim, por exemplo, ao comentar o eixo de discussões que envolve a avaliação da obra de um autor pelo “senso público”, Bourdieu comentará que

“é no interior e por todo o sistema de relações sociais
que o criador estabelece com o conjunto de agentes
que constituem o campo intelectual num dado
momento do tempo - outros artistas, críticos,
intermediários entre o artista e o público, como os
editores, os compradores de quadros ou os
jornalistas encarregados de apreciar imediatamente as

obras (...) - que se realiza a objetivação progressiva da intenção criadora, que se constitui esse **senso público** da obra do autor, pelo qual o autor é definido e em relação ao qual se deve definir.

Interrogar-se sobre a gênese desse senso público é perguntar-se sobre quem julga e quem consagra.”

(Bourdieu, 1968:120 - grifos do autor).

Se substituirmos a palavra “artista” por “cientista social”, apreenderemos a necessidade de se incorporar ao estudo das trajetórias a investigação das forças e interesses pessoais, institucionais e outros implicados na sua construção. Assim, por exemplo, lançaremos novas luzes sobre a posição *gauche* de Nogueira, ou a situação marginal de Ramos, ou mesmo sobre a centralidade da figura de Florestan Fernandes no percurso das Ciências Sociais no Brasil. Enfim, acompanhando Bourdieu, poderemos perguntar: quem consagrou quem - e por quê?

Um outro conceito que ajuda nessa avaliação é o de “campo de possibilidades”, tal como é trabalhado em Velho (1987), e que se articula à noção de “projeto individual”. Este “projeto individual” diz respeito a uma categoria central na modernidade, a de indivíduo (cf. Dumont, 1993), que não é a mola propulsora do trabalho de Bourdieu, bem mais preocupado com o sistema que engendra o projeto criador - ainda que este implique na interação de um complexo campo de forças e ações individuais.

Porém Velho se interessa pela noção de projeto a partir da indicação de que se trata de um ponto de interseção entre duas perspectivas a respeito de indivíduo, ou seja, a que enfatiza sua dimensão de construto cultural, variável de sociedade para sociedade,

e aquela que o toma como uma espécie de ponto de partida para o estudo sobre a relação entre o todo social e suas partes.

A partir dessa dupla indicação, Velho irá frisar por exemplo a inexistência de “projetos individuais puros”, ou seja, sem conexão com o ambiente a partir do qual surgiram, apontando para a importância, na configuração dos projetos, de “experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas” (1987:26). É aí que reside o campo de possibilidades do projeto, como explica o autor:

“...o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um **campo de possibilidades**, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes. Em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais ou dominantes.” (Velho, 1987:27)

Tentando estabelecer traços de união produtivos entre os conceitos desenvolvidos por Bourdieu e Velho, pode-se sugerir que o segundo ajuda a flexibilizar a preocupação mais sistemática do primeiro, enquanto que este servirá particularmente para chamar a atenção para o aspecto institucional e a área de atuação dos grupos sociais envolvidos na trama que articula e forma o **contexto**.

Para o sentido deste trabalho, o básico é prestar atenção à vinculação institucional dos autores aqui analisados, especialmente pelos desdobramentos que ela implica em suas carreiras e obras teóricas. A observação da relação entre estes autores e outros agentes filiados à mesma instituição, entre as instituições nacionais de ensino no mapa acadêmico brasileiro, então em formação, assim como suas ligações com órgãos

internacionais de fomento à pesquisa também fazem parte do esforço de desenhar o campo das trajetórias de Florestan Fernandes, Oracy Nogueira e Guerreiro Ramos.

Por outro lado, a formação familiar, profissional e social dos autores também interessa ao presente estudo, assim como suas ambições e realizações pessoais, na medida em que desvendam tanto peculiaridades e estilos específicos como um pouco do código comum às ciências sociais do período, área em que circulavam estas figuras.

O nacional como questão

Uma das primeiras semelhanças a ser apontada, por exemplo, na vida e na obra dos autores citados, e que se liga diretamente a esse código comum acima mencionado, é o nacionalismo que partilham. Esta perspectiva nacionalista, que inclui ainda a idéia de progresso e desenvolvimento, envolve a maioria dos intelectuais desta fase, imprimindo neles a vontade de ao mesmo tempo pensar e agir sobre o que identificavam como problemas nacionais.

E não era de se estranhar que assim fosse. Afinal, entrara-se na década de 50 sob os auspícios da democratização política (queda do Estado Novo) e da mobilização popular em torno de eventos como o suicídio de Getúlio Vargas após seu segundo governo, que enfatizou a industrialização do país, e a campanha “O Petróleo é Nosso”, que resultou na criação da Petrobrás. Nesse sentido, a atração que o Estado sempre exerceu sobre a intelectualidade brasileira se juntou um outro flerte, entre teóricos e povo. O resultado disso tudo foi uma intrincada relação - apenas iniciada neste momento, como frisa Pécaut (1990) - que incluía, por parte da intelectualidade, tanto a perspectiva dos pensadores dos anos 30, com sua ênfase na organização da sociedade via Estado, quanto a identificação com os segmentos populares, em lugar da desconfiança anterior que os intelectuais mantinham diante da entidade **povo**. Na verdade, no papel de

a um tempo porta-vozes do povo e de fabricantes do ideário científico que daria sustentação ao Estado, os teóricos dos anos 50 passam a conceber a nação a partir de um tripé - Estado, povo, cientistas - em que eles próprios teriam o papel de intermediários ou até de tradutores. Por seu turno, neste quadro, o papel do Estado como **angariador de cabeças** para seu *corpus* funcional não pode ser menosprezado. Trata-se de uma fase em que existe espaço para atuação do segmento intelectual junto ao poder executivo - como parte integrante dele¹. Mas quando se falar aqui do Iseb isto ficará mais claro.

Estendendo tal linha de raciocínio, compreende-se que a idéia nacional-desenvolvimentista prevalecerá ainda no próprio modo de encarar a atividade intelectual, a partir da perspectiva da valorização da pesquisa aplicada, e/ou das Ciências Sociais como estando a serviço do progresso da sociedade brasileira. É nessa direção que se entende como fundamental para o período a idéia de **projeto**. Acompanho, desta forma, as observações de Corrêa (1987), quanto à importância dos projetos científicos de cooperação no âmbito universitário e internacional para a formação de grupos de referência, apenas acrescentando aqui a relevância do impulso de formulação de um **projeto nacional** naquele momento da intelectualidade brasileira, tentação a que poucos escapam.

Este traço, mais ou menos forte, esteve presente, por exemplo, na vontade explícita de Fernandes em propor uma solução para o que diagnosticava como um problema nacional, ou seja, a questão do atraso da sociedade brasileira em penetrar no universo da modernidade capitalista, devido a entraves que se verificavam principalmente

¹ Esta penetração na esfera oficial durante os anos 50 é uma situação que demorará um bom tempo para voltar a ocorrer. O tempo dos generais pós-64, por exemplo, verá surgir outro tipo de participante e planejador junto ao poder executivo, o chamado "tecnocrata" (cf. Vianna, 1994, e Sorj e Almeida, 1983).

nas relações raciais, frutos da escravidão passada mas mal superada. O progresso do país estava em jogo, e o autor não se privaria a dar seu palpite sobre como avançar sobre o impasse.

Já Oracy Nogueira, embora não tão explícito, também se esforça para definir e localizar o fenômeno das relações raciais no âmbito da nacionalidade, como por exemplo indica seu esforço comparativista quanto ao padrão destas relações nos Estados Unidos e no Brasil. Além disso, sua pesquisa sobre o mercado de trabalho paulista, que abriu caminhos para estudiosos de gerações posteriores, aponta para a mesma questão: a resolução de problemas nacionais - no caso, a absorção da mão de obra “não-branca”² no mercado em geral.

Guerreiro Ramos vai direto ao assunto, ao propor e intervir na própria esfera oficial, através da participação em nível governamental, e se colocando antes como um teórico cuja atuação reflete uma perspectiva geral sobre a sociedade nacional como um todo, do que como um militante ou estudioso apenas das relações raciais à brasileira.

ISEB, USP, ELSP...

Na verdade, a idéia nacional-desenvolvimentista repercutia no próprio coração das instituições de pesquisa - universitárias ou não - que vicejavam no período. Exemplar é o caso do Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Criado em 1955³, o Iseb funcionava com financiamento direto do Estado, vinculado que era ao Ministério da Educação e da Cultura. A instituição conheceu três fases distintas em sua orientação teórica (cf. Pécaut, 1990); a primeira, durante os anos 50, identificada com o ideário

² Uso aqui a categoria de cor declaradamente escolhida por Nogueira em seu trabalho.

³ O precursor do Iseb, o famoso “grupo de Itatiaia”, foi fundado três anos antes, ainda durante o segundo governo Vargas, visando congrega intelectuais que atuavam no Rio e em São Paulo - daí inclusive a escolha como local de encontro de uma localidade serrana a meio caminho das duas metrópoles (cf. Pécaut, 1990).

nacional-desenvolvimentista; a segunda, um período de transição em que se aproxima das organizações dos segmentos populares; e a terceira, já na década de 60, em que a entidade adere à pressão por reformas de base no governo João Goulart, se colocando diretamente na função de “representante do povo”. Não à toa, uma semana depois do golpe de 1964 o Iseb é fechado e contra ele instaurado um inquérito militar.

Porém nos ateremos aqui à primeira fase da instituição. E nela, cumprindo a função cívica de se debruçar sobre as questões nacionais, os intelectuais do Iseb⁴ eram instados pela própria esfera oficial a desempenhar o papel de suporte da política nacional-desenvolvimentista do governo federal. São significativas, nesse sentido, as palavras de Juscelino Kubitschek, ao se dirigir aos isebianos no encerramento do primeiro ano dos cursos da entidade (pois o Iseb realizava cursos para estudantes, sendo desta forma uma organização para-universitária), evento que o presidente fez questão de prestigiar:

“Vós sois combatentes do desenvolvimento no plano da inteligência (...) Vossa tarefa de catecúmenos do grande Brasil será mais árdua e mais perigosa porque lutareis com argumentadores, com finos representantes da decadência, com gente de recursos” (Kubitschek, apud Pécaut, 1990:110)

Pelos comentários de JK, nota-se também que esta poderosa instituição tinha seus inimigos. Os declarados se encontravam no seio das elites conservadoras, que enxergavam no Instituto o “perigo vermelho” (comunismo); por seu turno, também os “vermelhos” se incomodavam com as relações para eles perigosas mantidas entre a

⁴ Os mais importantes entre eles foram Hélio Jaguaribe (cientista político), os filósofos Roland Corbisier e Álvaro Vieira Pinto, o historiador Nelson Weneck Sodré e o sociólogo Guerreiro Ramos.

instituição e o governo de JK, considerado oscilante entre uma atitude nacionalista e outra a favor da iniciativa privada estrangeira no país.

Além, ou aquém, dos inimigos declarados, o Iseb contava também com alguns rivais mais discretos no próprio meio acadêmico. Miceli (1989) chega a assinalar os anos 50 como o momento maior da polarização cariocas/ paulistas, a partir justamente do Iseb (Rio) e seu contraponto, a Universidade de São Paulo (São Paulo). Esta última, fundada em 1934, durante os anos 50 passa a investir mais numa institucionalização, ou profissionalização (esta última, a palavra por excelência utilizada nesta fase - cf. Oliveira, in Bomeny e Birman, 1991), das Ciências Sociais no Brasil, estruturada na universidade.

A partir destas duas instituições, dois modelos de ciência se encaravam entre o irônico e o desconfiado. O isebeiro Guerreiro Ramos atacava a “sociologia enlatada” que trabalhava basicamente com as teorias clássicas européias, e em troca propunha uma ciência social não alienada da realidade brasileira - uma “sociologia em mangas de camisa” (Ramos, 1995).

Por sua vez, o uspiano Florestan Fernandes replicava, defendendo a missão social de sua disciplina, mas exaltando a pesquisa científica dentro do âmbito universitário, sem atrelar seus temas à pauta do governo federal, e alertando contra o empobrecimento teórico que adviria da restrição da leitura sociológica aos pensadores nacionais e do compromisso mais rasteiro com os problemas do meio circundante.

Era uma briga também de visões díspares a respeito da política e do próprio papel do intelectual, como lembram, respectivamente, Pécaut (1990) e Vianna (1994). Em primeiro lugar, ela traduzia a experiência de íntimo convívio com o poder estatal de uma instituição - o Iseb - funcionando na então capital do país; e também representava a desconfiança em relação à prática política de outra entidade, a USP, que assistira às derrotas das revoltas paulistas dos anos 30, antitenentistas e antigetulistas, à ascensão na

década de 50 do populismo local pela figura do político conservador Adhemar de Barros (o do *slogan* "rouba mas faz"), e à marginalização do poder de influência do Estado mais rico da federação durante longo período - após a Revolução Tenentista, em 30, somente em 1961, com Jânio Quadros, um paulista volta a comandar o país.

Quanto à divergência de modelos de intelectual, esta remonta à distinção teórica entre as posições de Karl Manheim e Robert Merton. Trabalhando com a obra destes pensadores, Vianna demonstra como, no Iseb, ressoam as posições de Manheim a respeito de uma *intelligentsia* agrupada em torno do Estado, com a função de agir para reformar a sociedade, legitimando, por tabela, a ação do próprio governo. Já Merton, enfatizando a formação de uma comunidade científica no âmbito universitário, com o papel de denunciar problemas e propor soluções, sim, mas sem se engajar diretamente na dinâmica política, se faria ouvir mais na atitude dos cientistas sociais da USP. Vianna não deixa de frisar a unidade das duas visões no que tange à missão reformadora das ciências sociais; porém aponta com firmeza a distância que as separa - utilizando, para isso, como paradigmáticas justamente duas figuras que nos interessam de perto: Florestan Fernandes (USP) e Guerreiro Ramos (Iseb).

O contraponto USP-Iseb, Rio-São Paulo, porém, pode ser relativizado. É o que apontam, por exemplo, Cavalcanti e Vilhena (1990) e Vilhena (1996), que colocam neste mapa de disputas outras regiões brasileiras - notadamente Norte e Nordeste - outro tipo de instituição de pesquisa - os museus - e outra orientação teórica - a do Movimento Folclórico. No entanto, mesmo dentro do eixo Rio-São Paulo, se pode visualizar a emergência de experiências institucionais alternativas. A paulista Escola Livre de Sociologia e Política é um exemplo claro disso.

Embora se aproxime da estrutura universitária da USP, a ELSP tem algumas diferenças importantes em relação a esta. Em primeiro lugar, trata-se de uma instituição

pública não estatal, que sobrevive às custas de dotações de agências de fomento e da iniciativa privada; em segundo, investe pesado no esquema de pesquisas de campo, colocando na cena acadêmica brasileira a ênfase empiricista característica de sua influência maior - a Sociologia e a Antropologia norte-americanas. Criada em 1933, portanto um ano antes da USP, por um grupo de profissionais liberais e empresários de vários setores, seu objetivo era reformar a sociedade, tal como a USP e o Iseb, mas a partir da formação universitária de técnicos

“capazes de produzir conhecimento científico sobre a realidade brasileira e fazer uso desse conhecimento no processo de tomada de decisão em nível governamental (federal, estadual e municipal)” (Lúcia Lippi de Oliveira, in Bomeny e Birman, 1991: 54).

Assim, a ELSP funcionaria como uma espécie de meio termo entre as ambições estatais do Iseb e as universitárias da USP.

Figura-chave da Escola é o norte-americano Donald Pierson, seu professor por 12 anos, tendo criado lá inclusive a divisão de pós-graduação. Nela, Pierson introduziu também toda uma metodologia de trabalho de campo, além da própria experiência em pesquisa sobre relações raciais, de repercussão na vida acadêmica à época, muito especialmente, como já se viu, na formação de dois dos autores aqui estudados.

Guerreiro Ramos, mesmo frisando sua autonomia, reconhece a importância do sociólogo americano em sua formação (cf. Ramos, 1995). Quanto a Oracy Nogueira, este simplesmente foi um dos colaboradores mais próximos de Pierson, seu assistente de pesquisa; foi Donald Pierson, inclusive, o responsável pela introdução de Nogueira no campo de estudos raciais (cf. Corrêa, 1984). Na verdade, o sociólogo americano não deixará de ter contato também com Florestan Fernandes - um contato, digamos,

conturbado: Fernandes foi convidado por Pierson para participar de uma pesquisa, e logo a seguir dispensado da mesma por divergências teórico-metodológicas (para maiores detalhes, cf. Peirano, 1995, e Fernandes, 1995).

A questão estrangeira

Ao discutir a centralidade do nacionalismo na visão dos cientistas sociais da década de 50, estamos também nos remetendo ao outro lado dessa perspectiva, ou seja, às ligações internacionais do campo científico àquela altura. Como acabamos de ver, fica difícil falar, por exemplo, da ELSP sem mencionar Pierson, assim como descrever a USP sem citar a leva de pesquisadores estrangeiros que ela manteve em seu quadro docente - entre os quais, Roger Bastide, de particular importância para este trabalho, dadas não só sua imensa influência na área de estudos raciais no Brasil, como sua participação fundamental na formação de Florestan Fernandes. É Bastide quem introduz o então estudioso dos tupinambá e de folclore neste outro campo de estudos, e quem o chama para integrar o grupo de cientistas sociais que trabalhará no projeto financiado pela Unesco. Mais tarde, Fernandes se encarregará de convidar Nogueira para se juntar à equipe - a atuação deste último, porém, como já dito, se dá um pouco à margem do processo⁵.

Analisando o período que vai dos anos 30 aos 60, Corrêa (1988) frisarà a participação fundamental dos estrangeiros nas Ciências Sociais brasileiras, desde a sua fundação⁶. Ao papel destes estrangeiros como “multiplicadores” (cf. Corrêa, 1988), como formadores de profissionais das Ciências Sociais no país, se acoplavam ainda suas

⁵ Pode-se imaginar, inclusive, até que ponto esse *gauchismo* não ecoa uma disputa institucional - ELSP e USP; ou até teórico-profissional - entre Bastide e Pierson.

⁶ No caso dos estudos raciais, por exemplo, a autora comenta a influência de Bastide, em seus 16 anos de USP, como um dos motores da saída dos estudos de relações raciais do campo médico-antropológico para o terreno da Sociologia.

investidas junto a órgãos oficiais, possíveis financiadores de pesquisa, com que mantinham desde seus países de origem relações próximas.

Contabilizando, por alto, toda esta movimentação de pesquisadores estrangeiros e de projetos internacionais em andamento no período, Mariza Corrêa chegará a cerca de 36 visitantes, além de duas equipes de estudiosos: a do Projeto Summer (no final da década), e outra constituída por japoneses. Isso, sem falar nos projetos que contaram com pesquisadores brasileiros em seus quadros, mas foram patrocinados por agências de fomento internacionais - dos quais nosso grande exemplo é o já bastante citado projeto da Unesco para relações raciais⁷.

O político, o militante, o pesquisador e o informante

Pensar e agir, vistos como duas faces da mesma moeda, é um ponto de vista que abrange várias esferas da vida nacional durante os anos 50, como já foi assinalado aqui. Uma destas esferas é a própria postura pessoal dos intelectuais do período. No que se refere aos três autores estudados, por exemplo, não se pode deixar de frisar que a opção pelo engajamento político também traduz essa ânsia reformadora, de intervenção no social, para além da produção de conhecimento. Assim se vê com novas luzes a militância no socialismo de Oracy Nogueira (cf. Corrêa, 1984); o caso de Guerreiro Ramos, parlamentar e funcionário do governo Vargas e do de João Goulart; e até de Florestan Fernandes, pois mesmo aquele que menos aprovava a "ciência interessada" e advogava isenção, acabou se envolvendo diretamente na questão - na época, fazendo propostas de alcance nacional; bem mais tarde, ajudando a fundar um partido de

⁷ Na verdade, a Unesco atuou ainda em outras áreas. Cavalcanti e Vilhena (1990) nos lembram que a Comissão Nacional de Folclore, criada em 1947, era um órgão ligado ao governo federal, mas também à Unesco, vinculando-se ao objetivo da entidade de trabalhar pela paz mundial investindo, nesse caso, na pesquisa e promoção dos estudos folclóricos em cada país.

esquerda e se candidatando a cargos eletivos (sobre a relação de Fernandes com a política, cf. Martins, 1996).

Essa passagem para o campo da luta política se espraia até o envolvimento com organizações de grupos específicos - no caso de Nogueira, Ramos e Fernandes, de entidades do “meio negro”, como dizia este último. Assim, Oracy Nogueira ingressa nos EUA na National Association for the Advancement of the Coloured People; Guerreiro Ramos milita diretamente no movimento; e Florestan Fernandes estuda, divulga e respalda os líderes paulistanos do movimento, chegando, inclusive, a usar uma linguagem “mimética” (cf. Maggie, 1993)

Como se vê, um novo tipo de relação se estabelece nesta fase entre o estudioso e os grupos sociais que o circundam, desde os que **apenas** partilham com ele o mesmo território nacional, até os membros dos segmentos por ele estudados. Desta nova interação, a faceta mais produtiva, em termos puramente científicos, é a que liga o teórico àquele que doravante passa a ser chamado de “informante”.

É a institucionalização do trabalho de campo como método de pesquisa científico e confiável que faz surgir este personagem: o informante, o entrevistado, aquele de que é colhido o depoimento. Os modos de encará-lo e abordá-lo, porém, irão diferir. Há quem prefira buscar nele a base de **realidade** de seu relato científico. Florestan Fernandes, por exemplo, com este objetivo usa o artifício metodológico do debate provocado, da entrevista oral e do depoimento escrito, completando-os com dados escritos, material de arquivo e observação. Há também quem procure não no informante, mas na interação entrevistado-entrevistador, a faísca heurística. Desta forma, Oracy Nogueira opta por entrevistas com questionários (caso de seu trabalho sobre a atitude desfavorável ao negro no mercado de trabalho paulistano) ou então histórias de vida por ele mesmo

narradas. Sua **verdade**, assim, se assenta na interação que provoca **iluminações** sobre o objeto.

Guerreiro Ramos, por sua vez, toma caminho diferente. Declara ser o próprio objeto, ou seja, ele, enquanto “negro”, assume o papel de representante do grupo sobre o qual fala. Desta maneira, sua autoridade decorre da situação de partícipe do grupo - embora não só dela; afinal, outros “mulatos” e “negros” são por ele descartados enquanto representantes de uma perspectiva válida. Na verdade, além da condição da cor, outra fonte de autoridade importante para Guerreiro Ramos é a própria perspectiva científica na qual se insere, e que se liga ao seu “estudo da realidade brasileira”.

De qualquer forma, é uma posição solitária a que toma naquele momento, posto que faz questão de se firmar enquanto intelectual negro que não se restringe à militância ou ao pensamento sobre a questão da cor, mas também opina, escreve e propõe a respeito de problemas nacionais.

Em suma, o encontro marcado com o outro sublinha nesta fase a atuação dos cientistas sociais brasileiros. Seja na militância mais geral, de viés nacionalista, seja na especificidade do envolvimento com grupos organizados e com agentes do grupo estudado, os estudiosos trilham novos caminhos que repercutem, e muito, em seu trabalho teórico.

Entre projeto e tradição

Se o nacional faz pensar no que é estrangeiro, também a idéia de desenvolvimento, de futuro, que reina nesse momento, traz consigo embutida seu contraponto, ou seja, o antigo, o passado. Assim, um nacional que se pretende desenvolvimentista acena com a noção de progresso, tanto quanto com a de projeto, centrais nesse período, assinalando deste modo o reinado da idéia de novo. São novos os

desafios da nacionalidade, é nova a perspectiva diante do grupo estudado, assim como tem de ser nova, e encarada de outra maneira, a própria atividade das Ciências Sociais no Brasil.

O antigo, deste ponto de vista, surge como uma espécie de problema a ser equacionado. No campo nacional, o passado é visto com (muitas reservas) e seus “resíduos” (como diria Florestan Fernandes) no presente como obstáculos à plena realização do futuro. Mas mesmo no específico campo teórico dos estudos raciais tal ideia terá repercussão, e uma maneira de percebê-la está na análise da relação que a nova geração de autores estabelece com seus antepassados teóricos. De modo geral, esta postura se define como sendo de distanciamento crítico - que bordeja a crítica aberta e sistemática, no caso de Guerreiro Ramos. É a partir de duas vertentes que surge esta atitude de reserva: em primeiro lugar, existe a crítica ao “não cientificismo” da perspectiva anterior, ou ao “gabinetismo” das proposições (cf. Castro Faria, 1994; Laraia, 1986; e Oliveira, 1995).

Esse tipo de crítica é a mais sutil. A mais aberta diz respeito à **verdade** das proposições, de sua ligação com a **realidade**. Assim, contradizer a versão de cordialidade nas relações inter-raciais, por exemplo, proposta presente nos estudos resultantes do projeto da Unesco, significa negar realidade e/ou verdade à versão anterior de “democracia racial”, mais conciliatória, e encarada por nossos três autores como sendo fantasiosa e não-científica.

A relação com o passado, porém, também abrange uma dimensão positiva, indicada, por exemplo, na revalorização do trabalho dos que se detinham sobre a questão racial no início do século; é o caso especialmente de Guerreiro Ramos, admirador declarado de Alberto Torres - que na verdade pensa mais o “nacional” do que a “raça”. O já citado Gilberto Freyre, nesse sentido, também é uma referência básica e obrigatória,

para o bem e para o mal; no primeiro dos casos, sendo retomado das mais diversas formas, tal como a visão comparativa de Nogueira e a histórica de Florestan (se bem que este siga mais, até por proximidade institucional, a linha do também uspiano Sérgio Buarque de Holanda⁸ em *Raízes do Brasil*). No segundo caso, Freyre se constitui um dos alvos principais das críticas ferozes de Ramos, e enfrenta ainda as (bem mais) discretas reservas de Nogueira e de Fernandes.

A face positiva da ligação com a geração anterior inclui ainda a perspectiva humanista que os teóricos dos 50 mantêm. Nesse sentido, embora se trate, como vários autores já frisaram, de uma fase de transição, de implantação de um esquema profissional ou institucional, sente-se ainda os vestígios da situação anterior na própria formação multidisciplinar tanto de Florestan Fernandes, como de Nogueira e Ramos. É uma formação sociológica *latu sensu*, que inclui o que hoje já é considerado como sendo terreno de outras ciências. Assim, Guerreiro Ramos tem a filosofia incorporada à sua sociologia; Florestan Fernandes prefere operar com um misto de antropologia e história, e Oracy Nogueira, com a antropologia, acoplada à sociologia herdeira direta daquela praticada pelo grupo ligado à Universidade de Chicago (sobre a chamada Escola de Chicago, cf. Oliveira, 1995 e Hunter, 1980).

A própria criatividade dos três teóricos, no que se refere ao uso de várias categorias para cor, indicando miríades de gradações, dá continuidade à tradição anterior de Freyre, por exemplo, que num só capítulo (mais precisamente, o primeiro) do clássico *Casa Grande e Senzala* lança mão de 37 categorias, das mais comuns - “negro”, “branco” - até as mais inusitadas, como “dolicolouro”, “preto hoje empalidecido”, “brancarona”, “cor de cobre” e “pardo avermelhado” (cf. Freyre, 1954).

⁸ Holanda foi, inclusive, membro da banca examinadora da tese de doutorado de Fernandes, justamente nosso *A integração do negro na sociedade de classes*.

Problematizando a raça

Mas a questão do nacionalismo dos três autores também levanta outro leque de questões, articulado a partir da vinculação que fazem entre nacionalidade e cor. Este traço, já citado, pode ser analisado como um derivativo da perspectiva nacional que os anima - porém indica também uma forma específica de encarar as relações raciais através das variáveis que constituem a categoria cor e da problematização do conceito de raça. Mas se voltará a este ponto a seguir.

Já que entramos no campo da terminologia, vale retomar algumas das colocações feitas, buscando agora tanto relacionar quanto distinguir as posições dos três estudiosos. Todos eles, como acima foi dito, oscilam quanto ao termo definidor para cor, apesar e à revelia das declarações explícitas de opções por este ou aquele termo. Pode-se insinuar a tradição antropológica ou americana na decisão de Oracy Nogueira de usar tanto “de cor” como “negro”. Já Florestan defende sua opção consciente - o negro - a partir de instrumental adquirido através da militância negra. Porém também é seduzido, como se pode notar na realidade do seu texto, pela pluralidade de termos. Por sua vez, Guerreiro Ramos opta por “negro” (parece que) a partir de uma tradição francesa, que se insinua na literatura, e que tem no movimento da negritude seu momento mais nítido (cf. o capítulo sobre o autor).

O mesmo impulso comum pode ser sentido quanto à categoria branco; há um esforço também de conceituá-la, defini-la, ainda que se varie quanto à forma. Guerreiro Ramos ensaia o termo “branco social”, implicando aí a idéia de que a cor é uma variável que depende do meio em que se está. Florestan Fernandes circunscreve o “branco” a outro tipo de relações - as econômicas; assim, há o “branco de família tradicional”, ou aristocrata, há o “branco imigrante”, ou trabalhador livre. Oracy Nogueira trata do “branco” em oposição ao “não branco”, ligando-o explicitamente a relações de poder.

O que se pode depreender daí é que a noção de raça tem ecos muito distantes da forma como era entendida por pensadores como Nina Rodrigues, por exemplo. Em primeiro lugar, o biologismo cede lugar (embora não inteiramente - lembre-se aqui as observações de Fernandes sobre o “equipamento genético dos negros”) ao culturalismo e ao economicismo.

Em segundo lugar, tem-se que, ao contrário de uma categoria fixa, imutável, fundada no genético e transmissível hereditariamente, passa-se a operar timidamente uma categoria que se expressa por sua variabilidade: a **cor**. Esta surda e implícita disputa de categorias justifica a relativização da raça, por exemplo. Assim, Oracy Nogueira explicará raça segundo critérios culturais - “assim se vêem” certos grupos, de acordo com ele, o que nada tem a ver com um critério “científico”; é linguagem nativa. Já Florestan Fernandes flerta com a combinação raça-classe, como já foi explicitado anteriormente, enquanto Guerreiro Ramos simplesmente descarta a idéia de raça para discurrir longamente sobre cor - inclusive a própria.

Pode-se considerar esta perspectiva como mais uma resposta ao pensamento anterior sobre o tema - seja via negação dos estudos médico-antropológicos, seja resgatando a linha culturalista que Freyre sugerira com seu trabalho. Mas além disso é preciso apontar para a inovação para esta área de estudos que a problematização da categoria raça embute. Investigando o caminho da cor, não biológico, os autores abrem um largo campo de pesquisas. Diminui o impacto da idéia de destino inato, sobe a cotação das possibilidades individuais e grupais de intervenção no social.

Examinando as diferenças de critérios para as definições por cor e por raça, tem que a mais importante é que esta última se apresenta como um conjunto fechado, já dado por um complexo sistema genético agrupado na caixa preta (sem trocadilhos) do corpo - cromossomas sobre os quais a ação consciente humana é praticamente nula (ou quase -

note-se os esforços de embranquecimento ou separação de populações de cor/raça diferentes que existiram no Brasil). Já a cor, como campo de estudos para as ciências sociais, abre maiores perspectivas quanto à análise das variáveis que irão construí-la socialmente. Até que ponto a nacionalidade, a classe, o grupo que se frequenta, a ação individual ou as organizações de que se faz parte favorecem a definição de cada cor? Qual a importância das nuances e dos pólos a partir destas variáveis? Nesse sentido, nossos autores se mobilizam para tentar chegar perto do que encaram como um mundo muito mais intrincado e complexo do que supunha a filosofia racial anteriormente em vigor. Ramos parte da investigação do individual (*niger sum*), Fernandes vai pela trilha do grupal, a partir da analogia com a situação de classe; enquanto isso, Nogueira aponta para a importância do padrão cultural. É possível unir tudo isso a partir de um só ponto de vista: a ação humana sobre o fator cor é possível, o que garante a ele plasticidade e adaptabilidade diante da vontade de cada um - ou seja, estabelece-se um território onde, dentro de certos limites - classe? nacionalidade? cultura? aparência (ou fenótipo)? - o indivíduo tem oportunidade de se mover e intervir na hora da definição de sua cor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. "Revisitar Florestan". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 30, fevereiro de 1996, p. 11-15.

_____. "A imagem do negro na obra de Florestan Fernandes". In: Schwarcz, Lilia Moritz; Queiroz, Renato da Silva (orgs.), *Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 277-296.

BOMENY, Helena; Birmam, Patrícia (orgs.). *As assim chamadas ciências sociais*. Rio de Janeiro: UERJ/Relume Dumará, 1991.

BOURDIEU, Pierre. "Campo intelectual e projeto criador". In: VVAA, *Problemas do estruturalismo*, Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

CÂNDIDO, Antônio. "Um instaurador". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 30, fevereiro de 1996, p. 9-11.

CASTRO FARIA, Luís de. "Uma Antropologia Social Tupiniquim?". In: *Antropologia, espetáculo e excelência*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Oracy Nogueira e a antropologia no Brasil: esboço de uma biografia intelectual*. Caxambu: Anpocs, 1995, GT Pensamento Social Brasileiro, mimeo.

_____. "Oracy Nogueira e a antropologia no Brasil: o estudo do estigma e do preconceito racial". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 31, junho de 1996, p. 5-28.

CAVALCANTI, Maria Laura V. de C.; Vilhena, Luís Rodolfo da Paixão. "Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore". In: *Estudos Históricos*, vol. 3, n. 5, 1990, p. 75-92.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1981, 2a. ed.

CLIFFORD, James. "On ethnographic authority". In: *The predicament of culture*. Ithaca: Harvard Univ. Press, 1988, p.21-54.

CORREIA, Mariza. *Depoimento de Oracy Nogueira*. Campinas: Unicamp, 25 set. 1984, mimeo.

_____. *História da antropologia no Brasil (1930-1960)*.
Testemunhos: *Emílio Willems e Donald Pierson*. Campinas: Ed.
Unicamp/Vértice, 1987.

_____. "Traficantes do excêntrico. Os antropólogos no Brasil dos
anos 30 aos anos 60". In: *Revista brasileira de Ciências Sociais*,
vol. 3, n. 6, fevereiro de 1988, p. 79-98.

DUMONT, Louis. *O individualismo - uma perspectiva antropológica
da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1992,
9a. ed.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de
classes*. São Paulo: Ática, 1978.

_____. "Esboço de uma trajetória". In: *BIB*, n. 40, segundo
semestre de 1995, p.3-26.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala - formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, x ed., 1a. ed. 1933.

FRY, Peter. *O que é que a Cinderela negra tem a dizer sobre a 'política racial' no Brasil*. IFCS/UFRJ, Programa Raça e Etnicidade, 1995, mimeo.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, 26a ed., 1a ed. 1936.

IANNI, Octávio. "A sociologia de Florestan Fernandes". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 30, fevereiro de 1996, p. 23-28.

LARAIA, Roque de Barros. "Relações entre negros e brancos no Brasil". In: *VVAA, O que se deve ler em Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Cortez/Anpocs, 1986, p. 159-174.

_____. "Florestan Fernandes, o antropólogo". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 30, fevereiro de 1996, p. 9-11.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "A obra de Marcel Mauss". In: *Marcel Mauss - Sociologia e antropologia*, vol. 3. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

MAGGIE, Yvonne. "Florestan Fernandes e as categorias nativas." In: Maggie et alii, *Encontros com a antropologia, n.1 - Identidade, imigração e memória*. Curitiba: Depto. Antropologia/UFPr, maio de 1993, p. 73-83.

_____. "Cor, hierarquia e sistema de classificação: a diferença fora do lugar". In: *Quase catálogo - Centenário da Abolição*. Rio de Janeiro: Acec/Ciec/Núcleo da Cor - UFRJ, 1989.

_____. 'Aqueles a quem foi negada a cor do dia': análise das categorias de raça e cor na Cultura Brasileira. *Boletim do Laboratório de Pesquisa Social*, n. 7, IFCS - UFRJ, março de 1992.

MARTINS, José de Souza. "Florestan Fernandes: ciência e política, uma só vocação". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 30, fevereiro de 1996, p. 15-22.

MAUÉS, Maria Angélica Motta. "Da 'branca senhora' ao 'negro herói': a trajetória de um discurso racial." In: *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 21, dezembro de 1991, p. 119-130.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, 2a. ed. (orig. francês, 1957)

MOUTINHO, Laura. *Negociando discursos: análise das relações entre Fundação Ford, movimentos negros e academia na década de 80*. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGS/IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996, mimeo.

NOGUEIRA, Oracy. *Tanto preto quanto branco: estudo de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985, p. 95-133.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A Sociologia do Guerreiro*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

PACHECO, Moema de Poli Teixeira. *Família e identidade racial*. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGAS/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986, mimeo.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil - entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

QUEIROZ, Renato da Silva. "Tanto preto quanto branco, mas sobretudo pretos: homenagem a Oracy Nogueira." In: Schwarcz, Lilia Moritz; Queiroz, Renato da Silva (orgs.). *Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 293-306.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *Introdução crítica à Sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995, 1a. ed. 1957.

SARTRE, Jean-Paul. "Orphée noir". In: Senghor, Léopold Sédar (org.), *Nouvelle poésie nègre et malgache*. Paris: P.U.F., 1948, p. IX-XLIV.

SHERIFF, Robin E. *'Negro é um nome que os brancos deram aos pretos': discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca*. Rio de Janeiro: Programa Raça e Etnicidade, IFCS - UFRJ, 1995, mimeo.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura - notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, 2a. ed.

VIANNA, Luís Werneck. "Introdução". In: Carvalho, Maria Alice Rezende de; Melo, Manuel Palacios Cunha, *Cientistas sociais e vida pública*. Rio de Janeiro: Dados, Revista de Ciências Sociais, vol. 37, n. 3, 1994, p. 357-403.

VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. "Os intelectuais regionais. Os estudos de folclore e o campo das Ciências Sociais nos anos 50". In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 32, outubro de 1996, p. 125-150.

VVAA. "Herdeiros do Quilombo". FOLHA DE SÃO PAULO, Caderno MAIS!, domingo, 19/03/1995.

WINNANT, Howard. "'The other side of the process': racial formation in contemporary Brazil." In: Yúdice, George; Franco, Jean; Flores, Juan (eds.), *On edge: the crisis of contemporary Latin American Culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992, p. 85-114.

PRESTAÇÃO DE CONTAS Nº 2

IDENTIFICAÇÃO	
PROJETO	" <u>Resgate Uma Boa Praia: Res. Páris e Classificação</u> "
DONATÁRIO	<u>PATRICIA SILVEIRA DE FARIAS</u>
ENDEREÇO	<u>RUA PRIMEIRO CORO 300/408</u>
CIDADE	<u>RJ</u> ESTADO <u>RJ</u>
POSIÇÃO FINANCEIRA	
RECEBIMENTOS	
Saldo da prestação de contas anterior	<u>—</u>
Parcela recebida	<u>999,00</u>
TOTAL A PRESTAR CONTAS	<u>999,00</u>
GASTOS	
Pessoais	<u>449,44</u>
Não Pessoais	<u>550,00</u>
TOTAL DOS GASTOS	<u>999,44</u>
SALDO	
Parcial (transportar para a próxima Prestação de Contas)	<u>—</u>
Final (devolver)	<u>—</u>

DATA DA PRESTAÇÃO DE CONTAS 4/4/92

ASSINATURA DO DONATÁRIO Patricia Silveira de Farias

CONJUNTO UNIVERBITARIO CANDIQU MENDES
CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIATICUS - CEA

DOAÇÃO SOB ENCARGO

PROJETO "REGANDO UMA ORLA NA PRAIA"
 DONATARIO PATRICIA SILVEIRA DE FARIAS
 ENDEREÇO RUA FRANCISCO LEAO, 25/408
 CEP 22460-020 CPF Nº 847.244.347 / 52
 BANCO BANRER AGENCIA JARDIM BOTANICO Nº 296
 CONTA CORRENTE Nº 096-13723-03 CIDADE RJ

ITEM	DESCRIÇÃO	VALOR
1	Gastos pessoais	649,44
2	Gastos não-pessoais	550,00
TOTAL		

ITEM 1	DETALHAMENTO DO ITEM 1 (Paga(s) ao(s) titular(es) do projeto)	VALOR
(a)	Material de consumo bancário	299,44
(b)	Transporte/combustível	150,00
TOTAL		449,44

ITEM 2	DETALHAMENTO DO ITEM 2	VALOR
(a)	Transporte de passageiros	500
(b)	Material de consumo bancário	100

RECIBO DE GASTOS NAO PESSOAIS

Recebi do Pesquisador Edson de Fátima
a importância de Cr\$ 20.743,30 (dois mil e setecentos e trinta e três reais e trinta centavos
.....) correspondente a tarefas de caráter ocasional
na Pesquisa " Programa de Análise de Dados em Pesquisa "
durante o período de Março a maio 1976 .

Rio de Janeiro 4 de Junho de 1976.
Local e data

Edson de Fátima
Assinatura

Nome Legível: Edson de Fátima
Endereço: Rua Afonso Pena, nº 156 - 2º andar
CEP: 20.743-300
CPF: 804.833.251

RECIBO DE GASTOS NAO PESSOAIS

Recebi do Pesquisador PATRICIA GILDEIRA DE FARIAS

a importância de Cr\$ 230,00 (..duzentos e trinta ..
reais.....) correspondente a tarefas de caráter ocasional

na Pesquisa "Estrutura da União em sua Prática".....
durante o período de 02/08/96..... a setembro 1996.

Rua de Janeiro, 614 outubro de 1996
Local e data

[Assinatura]
Assinatura

Nome Legível: GERALDO DOS SANTOS PEREIRA.....
Endereço: Rua RACHEL LEAO, 300, ALT. 408.....
CEP: 22.460 050.....
CPF: 02137446290.....